

## **Dilma Rousseff e Todas Nós: Uma Análise de Conteúdos Midiáticos Através da Perspectiva de Gênero<sup>1</sup>**

Natália Loyola de MACEDO<sup>2</sup>

Flora DAEMON<sup>3</sup>

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, UFRRJ

### **RESUMO**

O artigo tenta responder, através de valores associados à perspectiva de gênero, se a figura mulher Dilma Rousseff é livre em algum momento quando é noticiada nos veículos hegemônicos; quais enquadramentos existiram estrategicamente contra ou a favor de Dilma durante o período de campanha, dos dois mandatos dela até culminar no *Impeachment* de 2016, levando em consideração que o gênero feminino está, na maioria das vezes, aprisionado à comportamentos, etiquetas, funções e ao padrão de beleza vigente da época.

O trabalho *Dilma Rousseff e todas nós: uma análise de conteúdos midiáticos através da perspectiva de gênero* defende que o que tem influência na disposição da estrutura e no comportamento social é importante para compreender melhor que tipo de sociedade estamos inseridas.

**PALAVRAS-CHAVES:** Feminismo. Patriarcado. Dilma Rousseff. Mídia Hegemônica. Impeachment 2016

### **INTRODUÇÃO**

Antes de estudar mais profundamente o tema, é importante dizer que o artigo faz parte, inicialmente, de um cenário de desconstrução. Acredito que não se planeja pensar diferente sem que a leitura e a escrita sejam feitas de outro modo.

Ressalto que me aproximo do tema que será abordado, pois, antes de qualquer colocação, consigo ser solidária às dores que Dilma Rousseff enfrentou na vida privada e pública, levando em consideração que ela é um ser humano semelhante a mim enquanto gênero. Sabendo que a universidade busca fortificar a noção de dependência às regras fomentadas

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ08 – Jornalismo do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de junho de 2017.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 11º. semestre do Curso de Jornalismo da UFRRJ, email: [loyolademacedo@gmail.com](mailto:loyolademacedo@gmail.com)

<sup>3</sup> Pós – Doutora em Comunicação, professora do Curso de Jornalismo da UFRRJ, email: [floradaemon@yahoo.com.br](mailto:floradaemon@yahoo.com.br)

dentro dela, faz-se necessário atentar também que a nossa sociedade é normativa, branca, masculina, heterossexual, cristã e machista e tudo que é produzida por ela se estrutura e se baseia através dessas características culturais.

A academia tem como um dos objetivos pensar criticamente e atuar na/com a sociedade. É preciso entender o quão importante é usar uma escrita que enamore a vida. Não vejo utilidade pública ao sentir que é dito, constantemente, as mesmas ideias, por anos, de forma vaidosa e monótona. Quando não há diálogo, não há progresso significativo: é nessa perspectiva que o presente estudo se fundamenta.

Existe o binarismo razão e emoção. Com as construções sociais, o gênero masculino ficou relacionado à razão enquanto o feminino ligou-se à emoção. Isso, talvez, não só tenha acontecido por imposição a um ideal sexista, mas também, porque nós, mulheres, estamos submetidas a uma vida mais degradante e solitária que os homens. Fazendo com que o nosso lado emotivo esteja sempre aflorado. Sabendo disso, nasce a epistemologia feminina, onde, levamos para a produção de conhecimento científico as nossas marcas pessoais. Margareth Rago, Professora de História da Universidade Estadual de Campinas, fez um estudo sobre Epistemologia Feminista, Gênero e História.

Pensa-se a partir de um conceito universal de homem, que remete ao branco heterossexual civilizado do Primeiro Mundo, deixando-se de lado todos aqueles que escapam deste modelo de referência. Da mesma forma, as práticas masculinas são mais valorizadas e hierarquizadas em relação às femininas, o mundo privado sendo considerado de menor importância frente à esfera pública, no imaginário ocidental. (RAGO, 2015)

Toda angustia é desabafada quando a escrita pode nos acompanhar. As mensagens, não ditas através de nossas vozes, são transmitidas, enfim, pelos nossos textos. Me incomoda saber que muitas mulheres não possuem esse privilégio. A escrita que é, muitas vezes, minha fuga, não é, para muitas, uma possibilidade.

Permitam-me usar a escrita para algo que tenha utilidade e que seja entendível pela maioria de nós. Por entender que faz-se necessário externar o que interioriza em nós, eu, como mulher, preciso escrever. Sou, como todas nós, importante para que entendam a complexidade em que estamos enclausuradas e que nos violenta ao fingir bem-estar. Sou, como todas nós, laboratório vivo.

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque

devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever. (ANZALDÚA, 2000, p. 232)

A partir da utilização da minha própria linguagem e da escrita em primeira pessoa, sigo com o tema principal do trabalho. Toda mulher, como Dilma Rousseff, mesmo que não tenha as análises feministas aguçadas, já teve a voz silenciada, não recebeu os créditos que deveria, se sentiu ideologicamente solitária, foi descredibilizada, imposta aos padrões de beleza vigentes, vista como insana ou como ignorante quando fez algum tipo de questionamento, sofreu humilhação e, é claro, já foi “coloca em seu devido lugar”.

O artigo analisou conteúdos midiáticos da mídia massiva desde a primeira candidatura de Dilma Rousseff até ela sofrer *impeachment* com o objetivo de averiguar quando o machismo está dizendo pela sociedade. Vale ressaltar que o trabalho não pode abordar mais material, porém quero que fiquem certificadas (os) que eu fiz um estudo mais extenso do que está abordado aqui. Esse artigo é o resumo do primeiro capítulo da monografia *Dilmas, Carmens, Clarices e todas nós: o impeachment de 2016 através da perspectiva de gênero*.

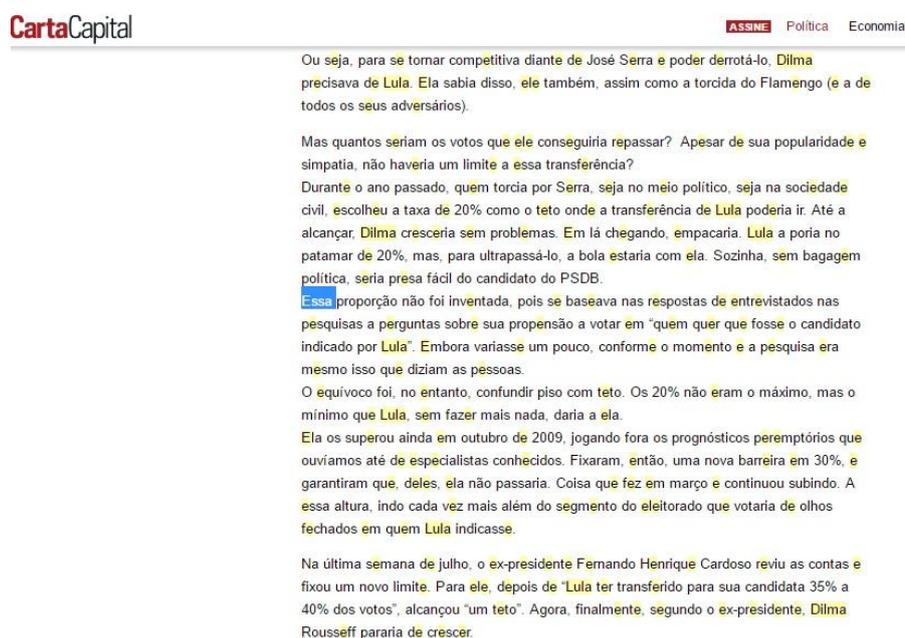
## **DILMA COMO REPRESENTAÇÃO FEMININA NO PODER**

Dilma Vana Rousseff nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, e iniciou a vida política aos 15 anos de idade. Foi estudante do Colégio Estadual Central e, deste então, se aproximou de ideais contrários à Ditadura Militar. Com intuito de lutar à favor da democracia e liberdade de expressão, a jovem militante participou de várias organizações clandestinas.

No período de 1970 e 1972, Dilma Rousseff foi perseguida, presa e torturada. Em seguida, ela mudou-se para a Região Sul e formou no curso de Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em 1993, sua carreira alavancou sendo chamada para

assumir as secretarias da Fazenda e de Minas, Energia e Comunicação no Rio Grande do Sul, nos governos de Alceu Collares (PDT) e Olívio Dutra (PT), respectivamente. O Estado foi um dos poucos a não sofrer racionamento de energia na época. Desde então, ela se envolveu ainda mais na vida política. A vida progressista de Dilma Rousseff fez com que ela chegasse ao Ministério de Minas e Energia durante o mandato presidencial de Luís Inácio Lula da Silva (PT).

Vejamos alguns exemplos que saíram na mídia massiva sobre a candidatura de Dilma Rousseff no ano de 2010. Primeiro, irei analisar o fragmento do texto opinativo “*Lula e Dilma*” que foi publicado no site da Revista Carta Capital no mês de agosto de 2010.



**CartaCapital** ASSINE Política Economia

Ou seja, para se tornar competitiva diante de José Serra e poder derrotá-lo, Dilma precisava de Lula. Ela sabia disso, ele também, assim como a torcida do Flamengo (e a de todos os seus adversários).

Mas quantos seriam os votos que ele conseguiria repassar? Apesar de sua popularidade e simpatia, não haveria um limite a essa transferência?

Durante o ano passado, quem torcia por Serra, seja no meio político, seja na sociedade civil, escolheu a taxa de 20% como o teto onde a transferência de Lula poderia ir. Até a alcançar, Dilma crescería sem problemas. Em lá chegando, empacaria. Lula a poria no patamar de 20%, mas, para ultrapassá-lo, a bola estaria com ela. Sozinha, sem bagagem política, seria presa fácil do candidato do PSDB.

Essa proporção não foi inventada, pois se baseava nas respostas de entrevistados nas pesquisas a perguntas sobre sua propensão a votar em “quem quer que fosse o candidato indicado por Lula”. Embora variasse um pouco, conforme o momento e a pesquisa era mesmo isso que diziam as pessoas.

O equívoco foi, no entanto, confundir piso com teto. Os 20% não eram o máximo, mas o mínimo que Lula, sem fazer mais nada, daria a ela.

Ela os superou ainda em outubro de 2009, jogando fora os prognósticos peremptórios que ouviamos até de especialistas conhecidos. Fixaram, então, uma nova barreira em 30%, e garantiram que, deles, ela não passaria. Coisa que fez em março e continuou subindo. A essa altura, indo cada vez mais além do segmento do eleitorado que votaria de olhos fechados em quem Lula indicasse.

Na última semana de julho, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso reviu as contas e fixou um novo limite. Para ele, depois de “Lula ter transferido para sua candidata 35% a 40% dos votos”, alcançou “um teto”. Agora, finalmente, segundo o ex-presidente, Dilma Rousseff pararia de crescer.

No primeiro parágrafo do trecho em destaque, “*Dilma precisava de Lula. Ela sabia disso, ele também, assim como a torcida do flamengo (e a de todos os seus adversários)*”, nota-se, através das perspectivas de gênero, que há uma necessidade da presença do Lula, não só como político, mas também como homem, para contribuir com a credibilidade de Dilma. Se analisarmos essas palavras, podemos encaixar no cotidiano das mulheres. Não é de hoje, muito menos de ontem, que nós somos vistas como seres incapazes de atingir e ocupar tais posições na sociedade por nós mesmos.

É possível notar que partindo do início do texto até o fim, a importância da presença de Lula é mais discutida que, por exemplo, a história de Dilma Rousseff dentro da política, algo que, curiosamente, foi questionado no próprio opinativo. “*Sozinha, sem bagagem*

*política, seria presa fácil do candidato do PMDB*”. Dilma Rousseff, antes de se candidatar à presidência, participava politicamente desde os 15 anos de idade.

Para acrescentar sobre o fato do gênero masculino sobressair em todos os âmbitos, até quando uma mulher é colocada no papel de protagonista, podemos contar quantas vezes o nome dos personagens principais apareceram nesse trecho destacado. O nome “Lula” aparece 7 vezes e “Dilma”, apenas, 3.

Dilma Rousseff foi apresentada pela mídia de massa como sujeita omissa em relação a figura-homem Lula. A figura masculina está presente quando a feminina precisa se ter créditos. Beauvoir (1949, p. 10), escritora, intelectual, filósofa existencialista, ativista política, feminista e teórica social francesa, explica que numa sociedade patriarcal o homem é o Sujeito, o Absoluto; a mulher é o Outro.

É possível entender no livro *O Segundo Sexo* que quando o indivíduo se vê como o essencial, ele tende a afirmar como tal e fazer do outro o “inessencial”, ou seja, o objeto.



Figura 1 Edição n° 603 da Revista Carta Capital publicada em dia primeiro de julho de 2010

Figura 2 Edição n° 42253 da Revista Diário de São Paulo publicada em dia primeiro de novembro de 2010

A magazine *Carta Capital* com o título “*A mão de Lula*” acompanhado do subtítulo “*O plebiscito a se confirmando e o presidente transfere votos acima do que muitos imaginavam*” e de uma imagem onde Lula está localizado numa região iluminada e na frente de Dilma, que está numa região fosca da arte; é noticiada o poder do homem-Lula e a submissão e dependência da mulher- Dilma. A capa também faz uma referência da ideia “atrás de um grande homem, há sempre uma grande mulher”. E, além disso, deixa nas entrelinhas a atuação de Lula no governo de Dilma.

Na capa da revista *Diário de São Paulo* a imagem que traz a metade do rosto de Dilma Rousseff vem acompanhada da manchete “*Deu Lula De Novo*”. A magazine considerou a vitória do ex-presidente e não deu à Dilma Rousseff o prestígio da conquista. É importante

pensar a estratégia de não colocar o rosto inteiro de Dilma na capa. Fica implícito que a outra metade é Lula, como se a presidenta da época precisasse ser completada. Nós não somos vistas como seres inteiros. Precisamos de alguém do sexo masculino para que a sociedade nos enxergue completas.

Em letras em caixa baixa, na capa da revista também vem escrito *“Pela primeira vez na história, o Brasil vai ter uma mulher na presidência da República. A eleição de Dilma Rousseff (PT), com 55.739.646 votos, é uma vitória da popularidade e do carisma do presidente Lula”*. É interessante notar que tudo o que envolve o resultado das eleições de 2010 está ligado a figura Lula, que, não curiosamente, é um homem. Nenhuma informação vem relacionado a possibilidades de votos dados a Dilma pelas propostas de governo, por ela ter realizado trabalhos eficazes na época que foi secretária de Minas, Energia e Comunicação no mandato de Olívio Dutra, por ter sido responsável pelo Programa de Aceleração de Crescimento e por ela ser mulher. Outros motivos podem ter sido opções de voto pela população, mas a mídia hegemônica sustenta a ideia de que Dilma só ganhou as eleições de 2010 graças a Lula.

É o que simboliza a história do Gênesis em que Eva aparece como extraída, segundo Bossuet, de um ‘osso supranumerário’ de Adão. A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si mas relativamente a êle; ela não é considerada um ser autônomo. (BEAUVOIR, 1949, p. 11)

Existem teorias que explicam como são as rotinas produtivas do jornalismo e como há fatores, desconhecidos pelo público, que interferem, moldam e direcionam conteúdo. A Teoria do Espelho foi a primeira metodologia utilizada e o foco, a partir do século XIX, era atingir o que diz ser o “bom jornalismo”, ou seja, retratar fielmente o fato como se houvesse uma imagem a ser refletida. A base é a realidade. O jornalismo começa a mostrar suas nuances através da Teoria da Espiral do Silêncio.

Os meios de comunicação tendem a priorizar as opiniões dominantes, ou melhor, as opiniões que parecem dominantes, consolidando-as e ajudando a calar minorias isoladas. Nesse ponto, a teoria do Espiral do Silêncio aproxima-se da teoria dos definidores primários, pois ambas defendem que a tal prioridade é causada pela facilidade de acesso de uma minoria privilegiada (as fontes institucionais) aos veículos de informação. Assim, opiniões que parecem consensuais se perpetuam, pois a maioria silenciosa não se expressa e não é ouvida pela mídia, o que leva à conclusão de que o conceito de opinião pública está distorcido. (PENA, 2005, p. 129)

Não dedico a crítica que faço nesse trabalho da conexão Dilma-Lula apenas aos meios de comunicação de massa que definem o que é notícia e como ela será abordada, mas oferto também à campanha política do PT, por entender que meios esquerdistas, onde são feitas problematizações por uma sociedade mais igualitária, continuam sendo sociedade. E, além disso, por pura estratégia. Ao saber como funciona a cultura machista, seria audacioso não usar um homem para destacar positivamente uma mulher. Além disso, é prática comum usar uma figura importante e popular na política para alavancar a imagem de outra (o).

Em 2005, quando o PT escolheu Dilma para a chefia da Casa Civil, ela assumiu o comando de programas estratégicos como o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e Minha Casa, Minha Vida. Era evidente o lançamento de Dilma Rousseff pelo Partido dos Trabalhadores para disputar a Presidência da República. A partir deste momento, os produtos noticiosos da mídia hegemônica incorporaram-na em diversos estereótipos.

Em 2009, Dilma Rousseff era ministra da Casa Civil quando foi diagnosticada com câncer no sistema linfático. Em seguida, Dilma Rousseff foi eleita como a primeira presidente mulher do Brasil. É importante perceber que, independente da linha editorial dos jornais e revistas, a palavra “mulher” passa ser destaque quando o assunto é resultado das eleições de 2010.



Em 2011, depois de ter passado por tratamentos, a Revista Época publicou uma reportagem sobre a saúde de Dilma Rousseff que ganhou a capa da Magazine. Com o título “*A Saúde de Dilma*” e com o subtítulo “*Época teve acesso a exames, listas de remédios e relatos médicos. Por que o seu estado ainda exige atenção*”, o conteúdo interno da revista pontuava em quais localidades do corpo a presidente apresentava menos vitalidade. Ao fazer uma leitura superficial, o discurso é velado de informação. Na verdade, se fizermos uma análise mais profunda, veremos a intenção de gerar no leitor uma preocupação e/ou uma dúvida em apoiar o mandato de Dilma à partir da saúde dela.



Figura 3 Conteúdo da Revista Época publicada no dia 28 de maio de 2011

Vejamos o número 1 do Prontuário de Dilma que diz revelar sobre o funcionamento da Tireoide da futura presidenta. É importante tornar sabido que os dois hormônios produzidos pela tireoide ajudam o nosso corpo a manter a pressão sanguínea, o ritmo cardíaco, o tônus muscular e as funções sexuais. Na frase “sua glândula tireoide quase não produz mais hormônios” contribui para enfatizar a ideia de que Dilma Rousseff é um ser que se aproxima da assexualidade; algo que foi, ao longo dos anos, reforçado. Distanciando- a de uma vida sexualmente harmônica e ativa.

É importante guardar no consciente e se perguntar se Dilma conseguiria estar no lugar de mulher competente e ao mesmo tempo ser uma mulher que tem a vida sexualmente ativa mesmo sendo divorciada. Somos muitas vezes submetidas a limitação. Não podemos ter ou ser o que quisermos. E, quando nos falta algo, esse algo será o motivo de críticas.

O americano branco relega o negro ao nível do engraxate; e concluí daí que só pode servir para engraxar sapatos. Encontra-se esse círculo vicioso em todas as circunstâncias análogas: quando um indivíduo ou um grupo de indivíduos é mantido numa situação de inferioridade, êle é de fato inferior; mas é sobre o alcance da palavra ser que precisamos entender-nos; a má-fé consiste em dar-lhe um valor substancial quando tem o sentido dinâmico hegeliano: ser é ter-se tornado, é ter sido feito tal qual se manifesta. Sim, as mulheres, em seu conjunto, são hoje inferiores aos homens, isto é, sua situação oferece-lhes possibilidades menores: o problema consiste em saber se esse estado de coisas deve perpetuar-se. (BEAUVOIR, 1949, p.18)

No número 2 da última imagem, a situação do sistema cardiovascular de Dilma é exposta. O texto diz que a presidente precisa tomar remédio anti-hipertensivo para a pressão ficar na faixa de 13 por 8. O conteúdo parece inocente, mas, ao lermos as entrelinhas, podemos associar a pressão alta com estresse, intolerância e descontrole emocional.

As doenças e os remédios – e as quantidades deles- são citados ao longo da matéria, causando inúmeros sentimentos em quem lê: compaixão, dúvida e preconceitos. A vitalidade de Dilma Rousseff, depois de ter expresso em público que tinha sido curada do câncer, é questionada sem sensibilidade sobre a quem se fala e sem ética jornalística e/ou médica.

A postura de Dilma Rousseff contraria toda noção e significado que a sociedade patriarcal criou para o que é ser mulher, como esse gênero deve se comportar e onde deve atuar. Beauvoir explica que os psicanalistas definem o homem como ser humano, e a mulher como fêmea, ou seja, acrescentaram a feminilidade à fêmea, aquilo que não é natural e, sim, construído. Ela diz “Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade”.

É preciso entender que quem tem o poder de representar é quem define e determina. A partir desse conceito é necessário tornar sabido que, além dos interesses particulares das empresas de comunicação, os homens ocupam os cargos de chefia dentro das redações. Simone de Beauvoir (1949, p.06) cita Paulain de Ia Barrer, século XVII, que diz que tudo o que os homens escreveram sobre as mulheres deve ser suspeito, porque eles são, há um tempo, juiz e parte.

Paralelamente às referências sobre o aspecto visual de Dilma Rousseff, as questões do futuro político do Brasil caminhavam na imprensa. Quando a personagem principal de um assunto é mulher, a notícia passa confundir os fatos.

A ministra da Casa Civil decidiu abandonar a peruca, em função do crescimento do cabelo e do fim do tratamento contra o tumor, novas considerações sobre o tema tiveram cobertura jornalística. O jornal Folha de S.Paulo, ao cobrir o evento de lançamento do Programa Nacional de Direitos Humanos, em Brasília, no dia 21 de dezembro de 2009, apontou que Dilma Rousseff havia tirado a peruca e exibido um visual de cabelos curtos, em tom castanho. Com semelhante cobertura, o jornal O Estado de S. Paulo divulgou o fato e enfatizou que o então presidente Lula (PT) já vinha pedindo à sucessora que retirasse a peruca.” (Gomes, 2011)

Além da aparência física - onde a feminilidade atua com precisão - ser notícia nos veículos, é importante observar o fato de Lula ter pedido para que Dilma tirasse a peruca. É evidente, também nesse caso, o secundário político e particular do gênero feminino. Rousseff é mais uma vez reforçada como o *Outro*.

É importante dizer que Dilma foi progressista no quesito representação feminina na política nacionalmente e internacionalmente. Ela fez a maior nomeação de mulheres para ocupar ministérios. Porém, os dois mandatos dela foram frágeis no que se refere às pautas femininas e de minorias. A descriminalização do aborto é um exemplo disso.

Dilma Rousseff, durante o segundo mandato, não conseguia dialogar com o congresso nacional. Os conteúdos midiáticos passam abordar o assunto e a população começa sentir a falta de atuação da presidenta.



Figura 4 Publicação da Revista *Época* de 18 de setembro de 2015

A capa da revista *Época* é composta por fotografia, diagramação bem articulada e frases de impacto.

A fotografia é muito mais que um simples recurso de ilustração, e muito mais que um retrato do “real”. É uma ferramenta com linguagem própria, que constrói e ratifica discursos, através de vários processos de escolhas intencionais de vários personagens, desde sua captura até seu tratamento e diagramação em um determinado veículo. Portanto, não pode ser olhada de modo “inocente” e deve, sempre que possível, ser objeto de análise crítica profunda.

Em primeiro lugar, Joly entende que a imagem, acima de tudo, é dotada de um caráter analógico: ela é algo que possui semelhança com outra coisa. (REIS; PASSOS; MARTINS; BASTOS, 2016, p.1).

Levando em consideração a citação do artigo *A construção de uma narrativa através de imagens de Dilma Rousseff na revista Exame*, considerando o contexto e analisando a fotografia usada na capa da Revista *Época*, podemos indagar à partir da linguagem corporal o que sugere a imagem. A cabeça abaixada com os olhos também voltados para baixo pode significar submissão e vergonha. O título e os subtítulos identificam sobre qual assunto está sendo tratado. Ao unir as observações podemos sugerir subordinação, desonra e isolamento por parte de Dilma Rousseff diante do Congresso Nacional.

O leitor, quando está na fase da interpretação, relaciona o que vê por meio de associações de ideias, estereótipos e do repertório imagético que o possui, possibilitando a compreensão do conteúdo. Logo, os signos não têm o mesmo significado para todas as pessoas. A leitura da imagem varia de indivíduo para indivíduo.

Não há como negar que é simbólico, para nós mulheres, feministas ou não, o que se expressa na capa da Revista Época. “Atualmente, no Parlamento brasileiro temos 51 deputadas federais (9, 94% do total) e cinco senadoras (13,58%). Se comparado à legislatura anterior, aumentou um pouco o número de deputadas e reduziu-se a bancada no Senado” (BOITEUX, in PRONER et al., 2016, p. 262). É inegável dizer que uma imagem onde uma mulher, no caso, Dilma Rousseff, ao se encontrar com a cabeça abaixada e olhar para mesma direção diante de um grupo, em que a maioria é masculina, é reforçar o patriarcalismo de forma muito sucinta

### **QUEDA DA REPRESENTATIVIDADE FEMININA**

Em 2014, Dilma enfrentou Aécio Neves do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e se reelegeu com 51,64% do votos. Em 2016, foi aberto o processo de impedimento contra a presidenta sob o argumento dela ter cometido *Crime de Responsabilidade*. Dilma Rousseff perde o cargo presidencial que, em seguida, é substituído pelo vice-presidente do mandato, Michel Temer.

Os autores do pedido de impedimento acusam a presidente Dilma Rousseff de ter cometido pedaladas fiscais. Entre os argumentos pró-impeachment, aponta-se que instituições financeiras públicas não poderiam transferir recursos para o pagamento de despesas de alçada do Tesouro Nacional. As denúncias dizem que a presidente usou esse tipo de ação para pagar programas sociais, como o Minha Casa Minha Vida. Dilma também é acusada de improbidade administrativa e por ter aumentado gastos que não estavam no Orçamento, sem autorização do Congresso.

A eleição de Eduardo Cunha como presidente da Câmara dos Deputados, era o início de um plano ardiloso que começava a ser construído. Dilma Rousseff desagradou diretamente o deputado ao mudar a diretoria de Furnas, onde ele controlava esquemas de corrupção. Tal mudança gerou em Eduardo Cunha um desejo de vingança e este aceitou o pedido de impeachment protocolado em outubro de 2015 (BISCAIA in PRONER et. al., 2016, p. 87).

É importante esclarecer que o golpe não foi apenas um feito machista e patriarcal, mas também. O impeachment foi o desenrolar de uma estratégia da oposição a fim de obter poder e, talvez, como vimos no trecho acima, vingança.

A magazine IstoÉ, na edição nº 2417, veiculou um conteúdo expondo reações da presidenta Dilma Rousseff aos acontecimentos. É interessante observar que com o título “*As explosões nervosas da Presidente*” e todas as outras mensagens textuais e imagética, podemos analisar discursivamente e perceber que a ideia veiculada à partir de 2010 em diversos produtos noticiosos, como na revista Época, mostrada nesse trabalho, é confirmada num momento propício: estresse, intolerância e descontrole emocional.



Figura 5 Publicação da edição 2417 da Revista IstoÉ em 04 de abril de 2016

Com o título “*As Explosões Nervosas da Presidente*” e subtítulo “*Em surtos de descontrole com a iminência de seu afastamento e completamente fora de si, Dilma quebra móveis dentro do Palácio, grita com subordinados, xinga autoridades, ataca poderes constituídos e perde (também) as condições emocionais para conduzir o país.*”, a Revista foi covarde e misógina.

Foi marcante ver a votação do processo de impedimento na câmara dos deputados. O resultado foi 367 votos à favor e, apenas, 137 contra. No dia 29 de agosto de 2016, a presidenta passou, aproximadamente, 13 horas se defendendo de acusações que não foram provadas judicialmente no Senado.

No dia seguinte do Impeachment, 18 de abril de 2016, a Revista Veja pelo site eletrônico publica uma matéria sobre Marcela Temer, atual companheira de Michel Temer, presidente interino após a saída de Dilma Rousseff. O texto que tem como título “*Bela, Recatada e do Lar*” se resume em tornar notícia um jantar do casal e, além disso, contar a história de amor de Marcela com Michel Temer: quando eles se conheceram, como se

aproximaram, como é a mais nova primeira-dama e como ela se comporta durante o seus dias.

No terceiro parágrafo, o texto, dissertando sobre Marcela Temer, diz que “*Bacharel em direito sem nunca ter exercido a profissão, Marcela comporta em seu curriculum vitae um curto período de trabalho como recepcionista e dois concursos de miss no interior de São Paulo (representando Campinas e Paulínia, esta sua cidade natal). Em ambos, ficou em segundo lugar. Marcela é uma vice-primeira-dama do lar. Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma também (nas últimas três semanas, foi duas vezes à dermatologista tratar da pele)*”.

É focado o fato de Marcela não exercer profissão e ser cuidadora do lar, lembrando de si, apenas, quando sobra tempo para tal. É importante frisar que muitas mulheres estão ocupando o mesmo lugar e posição de Marcela dentro de suas famílias. O “zelar pela casa” foi algo instituído pelo patriarcado e nós, ao longo da história, tivemos/ temos dificuldades de se deslocar para outras funções sociais. É de muita relevância lembrar que mulheres negras, na sua maioria, pelo histórico escravocrata, trabalham fora de suas residências há séculos no país. Porém, elas também estão condicionadas a serem responsáveis pelos serviços domésticos e pela maternidade. O papel das mulheres na esfera política é, apenas, ser o “troféu” que acompanha o homem, como é Marcela Temer. Não podemos desconsiderar que o texto “*Bela, Recatada e do Lar*” foi veiculado um dia após Dilma Rousseff sofrer o *Impeachment*. Com um olhar observador, percebemos que as características idolatradas são as opostas que sempre estiveram ligadas à Dilma Rousseff. “*Por algum tempo, frequentou o salão de beleza do cabeleireiro Marco Antonio de Biaggi, famoso pela clientela estrelada. Pedia luzes bem fininhas e era “educadíssima”, lembra o cabeleireiro.*” Em outro trecho é dito “*Em todos esses anos de atuação política do marido, ela apareceu em público pouquíssimas vezes. ‘Marcela sempre chamou atenção pela beleza, mas sempre foi recatada’, diz sua irmã mais nova, Fernanda Tedeschi.* Conclui o texto, a frase “*Michel Temer é um homem de sorte*”. Um desfecho que nos influencia naquilo que seria, então, a mulher ideal para si e para o coletivo.

Marcela Temer significa para a sociedade brasileira que é, não diferente das outras, machista e patriarcal, alguém honrada, aquela mulher que se vê e se mostra recatada e fiel em todos os sentidos ao seu marido. Follador explica as três classificações que existem para as mulheres no período colonial que ainda refletem nos dias atuais.

As mulheres honradas eram aquelas que seguiam os padrões e normas que a sociedade impunha, seguindo também o ideal de pureza mariano. Deveriam exaltar as virtudes de uma vida recatada e submissa ao poder masculino, ora do pai, ora do marido. Por fim, as mulheres sem honra eram aquelas, na maioria, ligadas direta ou indiretamente à prostituição, e, aquelas ligadas ao submundo das ruas. As escravas, por exemplo, eram consideradas mulheres sem honra. (FOLLADOR, 2009, p. 10)

## CONCLUSÕES FINAIS

Confesso que será altamente desagradável para nós, mulheres, lermos essas conclusões finais. Observamos que Dilma Rousseff tem uma história política extensa. Mesmo sabendo que ela iniciou sua vida política aos 15 anos de idade, a mídia hegemônica não teve interesse em contar sua trajetória política progressista. Ao invés disso, Rousseff, através dos discursos midiáticos, deixava de ter sua própria história para ter a de Inácio Lula da Silva, ex - presidente.

Percebe-se que Dilma diante de Lula é mero objeto, ou seja, o *Outro* de Simone de Beauvoir. Ela é o ser que acompanha, mas que não é o essencial. Numa sociedade patriarcal como a nossa, a mulher ainda precisa do homem para ter créditos e para que seus atos tenham relevância.

Quando analisamos manchetes como, por exemplo, “Deu Lula de Novo”, fica implícito a presença do ex-presidente no governo de Dilma Rousseff. Então, existe uma figura feminina para ser o objeto e não o ser que atua. Numa sociedade estruturada pelo machismo e pelo patriarcalismo, a mulher nunca é um ser autônomo.

A teoria Espiral do Silêncio citada nesse artigo diz que a minoria privilegiada que tem acesso as fontes institucionais que determinam os discursos, ou seja, aquilo que é transmitido pela mídia massiva vem de uma parcela mínima que tem poder na sociedade. Dentro desse grupo, a maior parte é composta por homens brancos heterossexuais cristãos, aqueles que não estão interessados em perder privilégios de gênero, raça e classe.

Dilma Rousseff teve sua saúde mental e sexualidade questionada durante todos esses anos. Mulher competente é vista pelo machismo como um ser humano diferente das outras mulheres. Esta, por sua vez, não pode ter aquilo que condicionam para o gênero feminino: o universo da feminilidade. A imagem de Dilma e sua integridade não são livres e não ficam em paz em nenhum momento.

O cenário do impedimento de Dilma Rousseff exemplifica o patriarcado decidindo onde mulheres devem atuar e como elas são tratadas quando estão numa posição de autoridade.

É importante analisar o texto *Bela Recatada e do Lar* com cuidado e perceber que Marcela Temer não é só alguém que está na posição do *Outro* através da feminilidade – diferente de Dilma que é o *Outro*, mas se opondo ao que foi criado para o gênero feminino - mas também representa o lugar que a maioria das mulheres brancas e de classe média/alta estão submetidas. É importante ressaltar que Dilma e Marcela são mulheres que tentam ocupar posições diferente dentro da sociedade, mas ambas se mantém na posição do *Outro* de Simone de Beauvoir.

A história de vida da mulher negra se difere da mulher branca, onde Dilma se encaixa. Follador (2009, p. 12) faz um levantamento de conquistas femininas no Brasil através da visão do patriarcado. E ele considera que os avanços sociais do gênero feminino aconteceram por interesse e permissão masculina. Movimentos Feministas têm muita importância. Os progressos só aconteceram, porque mulheres reivindicaram. Porém, as mudanças vieram quando o sistema teve interesse e permitiu, assim funciona uma sociedade estruturada pelo machismo e pelo patriarcado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANZALDÚA, G. **Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo**. Estudos Feministas, 2000

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

FOLLADOR, K. **A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental**. Revista fato&versões, 2009.

GOMES, W. **A política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.

PENA, F. **Teorias do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005

RAGO, M. **Epistemologia Feminista, Gênero e História**. In: Pedro, Joana; Grossi, Miriam (orgs.)- **MASCULINO, FEMININO, PLURAL**. Florianópolis: Ed.Mulheres,1998